

Ausência de banco inglês não assusta

“É uma posição política do governo de Margaret Tatcher” — disse ontem o presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, ao comentar a decisão do ministro das Finanças da Grã-Bretanha, Nigel Lawson, de rejeitar a participação do Banco da Inglaterra, de US\$ 200 milhões, no pacote de US\$ 2,5 bilhões de créditos oficiais a importações brasileiras. Colin revelou ainda que o União de Bancos Suíços está entre os grandes credores do País que não aderiram ao Jumbo de US\$ 6,5 bilhões.

O presidente do Banco do Brasil informou que o vice-presidente do União de Bancos Suíços, Guido Henselmann, está “negociando a participação no jumbo” com o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, mas Colin disse desconhecer o interesse do banco suíço em obter uma comissão extra para liberar

novos recursos ao País.

A negativa do Banco da Inglaterra de conceder garantias para os financiamentos a importações brasileiras não preocupa o presidente do Banco do Brasil. Segundo ele, Japão, Alemanha Ocidental, França e Canadá podem cobrir a parcela britânica, já que esses países “têm interesse em preservar os seus mercados externos”. Colin lembrou que o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, procurou complementar o crédito comercial de organismos oficiais — o Eximbank dos Estados Unidos, mantém a garantia de US\$ 1,5 bilhão nas negociações com o Clube de Paris.

No almoço de ontem dos ministros do Planejamento, Delfim Netto, e interino da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, e mais o presidente do Banco Central, o presidente do Federal Re-

serve de Nova Iorque — um dos doze órgãos regionais do Federal Reserve norte-americano — Anthony Salomon, manifestou preocupação com os compromissos atrasados do Brasil junto aos credores externos, e também com a capacidade das agências dos bancos brasileiros em Nova Iorque manter posição favorável no sistema de compensação do principal centro financeiro dos Estados Unidos.

Para Colin, é natural a preocupação do Salomon com os reflexos dos problemas cambiais brasileiros sobre as operações dos bancos que estão sob a jurisdição do Federal Reserve de Nova Iorque. Porém, as autoridades brasileiras garantem que, se os próprios credores cumprirem a sua parte e desembolsarem os recursos no devido tempo, os atrasados deixarão de constituir problema, até o final do ano.